

Jovens pobres no Rio de Janeiro: dificuldades e recursos frente às adversidades¹

Lucia Rabello de Castro²

Ao longo do segundo semestre de 2002, o Núcleo Interdisciplinar de Pesquisa e Intercâmbio para a Infância e Adolescência Contemporâneas (Nípiac), da Universidade Federal do Rio de Janeiro, realizou um trabalho de pesquisa e ação social clínica com cerca de 1900 jovens com idades entre 14 e 24 anos, de 19 comunidades pobres da região metropolitana do Rio de Janeiro e da Baixada Fluminense.

A proposta de ação do Nípiac permitiu acompanhar os jovens no momento em que sua comunidade se tornava alvo da iniciativa do governo do estado de desenvolver um projeto de capacitação de curta duração. Oportunizou-se aos jovens, então, a expressão de suas opiniões sobre tal iniciativa e sobre o modo como percebiam os efeitos dessa iniciativa em suas vidas, as dificuldades recorrentes de um jovem pobre no Rio de Janeiro, suas expectativas e suas esperanças.

O presente trabalho apresenta resultados parciais dessa análise, concentrando-se sobre as percepções desses jovens em relação às dificuldades que assolam suas vidas e os recursos de que dispõem para enfrentá-las.

Os resultados provêm das respostas obtidas a um dos itens de um dos instrumentos da pesquisa (no caso, as entrevistas que foram realizadas), em que se perguntou: “quais os problemas que os jovens da sua idade enfrentam?”, “qual a ajuda que os jovens têm para resolver os problemas que eles enfrentam?” e “como os jovens lidam com esses problemas?”³

O perfil aqui traçado objetiva realçar a perspectiva do jovem pobre, perspectiva de como ele não apenas vê o presente, mas também como compreende as condições que determinam e circunscrevem suas chan-

¹ Agradeço à professora Jane Correa e às assistentes de pesquisa Alana Mendes de Azevedo e Bianca Novais Lisboa pela ajuda na análise dos resultados deste trabalho.

² Castro, Lucia Rabello. Doutora em Psicologia. Professora do Instituto de Psicologia Universidade Federal do Rio de Janeiro, responsável do Núcleo Interdisciplinar de Pesquisa para Infância e Adolescência Contemporâneas-NIPIAC

³ As entrevistas continham 19 itens e abarcaram os seguintes temas: a) autoconceito (noção que se refere ao sentido de si mesmo); b) dificuldades e agência (representação das possibilidades de ação frente a dificuldades); c) projeções e perspectivas futuras; e d) visão político-institucional.

ces na vida. Além disso, como ele avalia a sucessão de acontecimentos dos quais participa, seja como agente capaz de alguma escolha ou não. Sobretudo, busca-se, neste trabalho, fazer jus a uma representação coletiva do nosso coletivo (PETERS, 1993), principalmente da nossa juventude, que seja mais pertinente à realidade brasileira do que aquela que aparece comumente na mídia. Em geral, a visão que a mídia apresenta da juventude se refere, prevalentemente, à visão do jovem das classes médias, inserido no sistema escolar, garantido na sua sobrevivência por uma família que, mal ou bem, o sustenta. Os problemas que esse jovem enfrenta são, certamente, de outro tipo e não daqueles que atingem a população de jovens de que trata este estudo. Nesse sentido, comparados a seus pares das classes médias, os jovens pobres carecem, também, de reconhecimento social, ou seja, da possibilidade de que sejam ‘vistos’ e compreendidos. Isso implicaria a visibilidade dos problemas que assolam suas vidas, evidenciando como e por que agem e como se constituem como sujeitos no meio em que vivem.

Para a análise dos problemas citados pelos jovens, foi considerada, além da frequência das respostas nas diversas categorias geradas, a ordem em que foram mencionadas. Utilizou-se, então, o método de delimitação dos elementos do núcleo central de uma representação, baseado na evocação livre. A combinação dos dois critérios, frequência média de evocação e ordem média de evocação, deu origem a uma tabela de dupla entrada. Assim, no primeiro quadrante da tabela incluíram-se as categorias cuja frequência foi considerada acima da média de evocações e que eram, ao mesmo tempo, frequentemente mencionadas em primeiro lugar pelos jovens. Em contraste, no quarto quadrante, incluíram-se as categorias que, além de apresentarem ocorrência inferior à média de evocações, eram evocadas tardiamente pelos jovens. As respostas dos jovens referentes às maneiras como lidam com seus problemas foram integralmente digitadas, pois apresentavam falas mais longas. Esse material foi, então, submetido à análise léxica, realizada com o auxílio do programa Alceste,⁴ o que permitiu, dessa forma, o agrupamento das falas dos jovens em categorias temáticas.

⁴ Alceste é um programa de análise de dados textuais elaborado pelo Conselho Nacional de Pesquisa Científica (da França), que serve para analisar entrevistas, obras literárias, artigos e ensaios de revistas, etc. O objetivo é quantificar um texto e daí extrair as estruturas de sentido mais fortes, com o fim de obter a informação mais essencial contida nos dados. As pesquisas têm demonstrado que essas estruturas estão estreitamente relacionadas à distribuição das palavras no texto e que essa distribuição é raramente aleatória. Descrever, classificar e sintetizar automaticamente um texto, tais são os objetivos do programa Alceste.

Problemas que os jovens enfrentam

Os problemas mais freqüentes e primeiramente citados foram: drogas, violência, tráfico de drogas, falta de trabalho, família e falta de oportunidade. Os problemas citados posteriormente àqueles, com freqüência inferior à média de evocações, foram: escola, pobreza, amigos, polícia, falta de lazer, dificuldade da adolescência, ociosidade, prostituição e urbanização. O último problema se refere às dificuldades de se viver na periferia de uma grande cidade.

Droga, violência e tráfico são os problemas a que os jovens se referem com mais freqüência. Mais que isso, são temas que se imbricam, pois aparecem sempre inter-relacionados em suas falas, emergindo como uma unidade discursiva. A presença do tráfico, a ausência de trabalho e, freqüentemente, a saída precoce da escola são fatos que imprimem marcas nas vidas desses jovens, marcas que os fazem se sentir submetidos ou, até mesmo, ‘controlados’ pelas condições adversas em que se encontram.

“Os jovens têm falta de oportunidade na vida. Falta curso, falta trabalho... Porque, ficando com a cabeça livre, acabam ocupando com o que não devem.” [sic] (A., 16 anos)

A preocupação dos jovens, retratada na relação droga, violência e tráfico, aponta para a onipresença do tráfico e da violência nas suas vidas e na vida dos moradores de comunidades. É uma invasão que tem relação direta com os homicídios freqüentes, com os riscos cotidianos, com a perda do direito de escolher a hora de sair ou de chegar à própria casa, de escolher os lugares que preferem freqüentar e o horário em que podem fazê-lo.

“Eles [traficantes e policiais] entram de repente atirando, como se não houvessem pessoas inocentes (...). À noite, é perigoso voltar para casa.” [sic] (I., 14 anos)

Do mesmo modo, não se pode ter privacidade dentro da própria casa, pois a qualquer momento a polícia pode invadir seus lares em busca de alguém ou o traficante pode obrigar os moradores a esconder algo ou alguém.

“Desrespeito da polícia sempre teve. Já conheci um que foi respeitoso, foi o único que pediu licença para entrar na minha casa. Acha que só porque somos da favela que não tem direito.” [sic] (M., 17 anos)

“Eu tenho medo, não vou à casa do meu pai sem acompanhante. Ele mora em outra comunidade [dominada por outra facção].” [sic] (K., 16 anos)

Os jovens do sexo masculino são as maiores vítimas da violência. Tornam-se assediados tanto pelos traficantes quanto pela polícia e, assim, são pressionados por ambos os lados. Aqueles que não foram aliciados pelo tráfico devem observar seus códigos e lhe devem respeito, para que não sejam mortos ou sofram outras formas de violência. Por outro lado, por morarem em determinadas comunidades, ainda que trabalhem e/ou estudem, muitos jovens passam pelo constrangimento de ser confundidos com bandidos pelos policiais.

“Governo paralelo reinando por aqui. Não posso parar na esquina da minha rua, porque se vai a polícia pensa que eu tô fazendo merda. Tem que estar sempre com um documento. Ou entra para a vida [do tráfico] ou se esconde, com medo. Até dentro de casa é perigoso, imagina na rua.” [sic] (J., 20 anos)

“Me sinto triste. Cada dia morre um jovem. Os bandidos não têm compaixão. Quando passo por eles, conto até dez para não ficar nervoso: tenho medo deles quererem alguma coisa comigo. A gente tem que respeitar, senão eles matam a gente ali mesmo.” [sic] (T., 18 anos)

Com isso, a vida dos jovens é permeada pela violência, o que vale tanto para aqueles que ingressam no tráfico como também para todos os outros jovens que testemunham a violência cotidiana e devem levá-la em conta para evitar os riscos que ela impõe. A qualquer momento, pode ter início um tiroteio, a circulação pode ser proibida, e será então necessário esperar que a situação se acalme para seguir a vida normalmente. Apesar desse cenário, os jovens devem construir o seu cotidiano e sua existência presente e futura.

A falta de oportunidades, a falta de trabalho e os problemas em família são os outros três aspectos de maior frequência apontados como preocupantes pelos jovens. Do mesmo modo que antes, esses três aspectos são referidos de forma articulada, sempre em conjunto, como que anunciando uma conexão íntima.

A ‘falta de oportunidade’ expressa uma situação que abrange dificuldades diversas e, sobretudo, se refere à representação de um modo de vida que é difícil de enfrentar e ultrapassar. Os jovens dizem que faltam ‘oportunidades’ em suas vidas, deixando a impressão de que as dificuldades enfrentadas são tão grandes que seria difícil ou quase impossível nomear aspectos mais específicos de modo a permitir, inclusive, encontrar uma solução. Para os jovens, ‘oportunidade’ é tudo aquilo que ajuda a estruturar um projeto de vida que permita sair da situação em que estão para en-

contrar uma condição de vida melhor. Em geral, a falta da escola e a falta do trabalho são as referências que melhor sintetizam as bases da falta de oportunidades.

O trabalho tem importância capital na construção de uma vida futura melhor, e a conquista do posto de “trabalhador” pode servir para diferenciar o jovem honesto e direito do bandido, do vagabundo ou do marginal. De uma maneira mais geral, é uma diferenciação vital para o jovem pobre diante da sociedade e, mais especificamente, diante da polícia. Entretanto, os jovens percebem que:

“Todo emprego que a gente procura tem que ter experiência e exigem muito curso que a gente não tem condição de fazer.” [sic] (S., 17 anos)

“Não conseguimos emprego. Rodamos muito atrás e, quando isso acontece, muitos vão trabalhar na boca-de-fumo. Sofremos críticas porque moramos perto da boca-de-fumo e dizem que já estamos influenciados pela droga.” [sic] (E., 20 anos)

“O jovem gostaria de ter emprego, mas as pessoas não dão emprego para menor de idade e nem de favela (...). Acho uma boa solução aliar emprego com oportunidade de estudo.” [sic] (M., 15 anos)

Como a família comparece nesse cenário? A família é listada como um problema para os jovens; contudo, ela também é citada como uma importante fonte de ajuda à qual os jovens recorrem para resolver os problemas com que se defrontam.

“Na família, às vezes, tem muitas brigas com familiares, há muita discussão.” [sic] (I., 14 anos)

Se, por um lado, problemas com a família criam forte tensão na vida dos jovens, por outro lado, ela parece ser a única instância de que os jovens dispõem para ajudá-los nos problemas que enfrentam. A família surge como o elemento-chave de sustentação psicológica, pois é a ela que se recorre, principalmente, quando em dificuldades. A fala dos jovens revela a família como catalisadora das esperanças de um futuro melhor, seja no sentido de ajudar a família de origem, seja para poder gerar sua própria família numa situação com menos dificuldades. A família como dispositivo que potencializa os elos afetivos, como também perspectivas de trabalho ou de profissão, é reiteradamente colocada como um *valor* que não somente ampara os indivíduos jovens, mas também é a fonte de inspiração para que queiram ser “alguém na vida”, prosperar, ser felizes e ajudar os seus.

Outros problemas, citados em menor frequência, são a escola, a pobreza, os amigos, a polícia, as dificuldades como gravidez, ociosidade, prostituição e a degradação do local onde moram. Dizem respeito à baixa qualidade da educação que recebem nas escolas públicas de seu bairro, à violência e às humilhações que sofrem da polícia, às amizades que podem tentá-los para o caminho da marginalidade. Também dizem respeito a questões de ordem mais geral, como as desigualdades sociais, a falta de informação e apoio, que resulta em problemas como a gravidez, e a falta de equipamentos culturais e de lazer onde moram. É interessante constatar que a pobreza é menos citada como um problema em si mesmo e mais como o que condiciona o olhar do outro sobre o jovem pobre, discriminando-o: é o preconceito contra os pobres, que se torna insuportável e torna difícil o acesso desses jovens a outros lugares e a outras situações na cidade.

“Ser confundido com pessoas envolvidas com o ‘movimento’. Às vezes, os policiais abordam na rua sem mais nem menos, gostam de ‘esculachar’.” [sic] (S., 20 anos)

“O preconceito social, porque muitos pensam que todo mundo que mora em favela é desqualificado para viver na sociedade ‘fora’.” [sic] (F., 15 anos)

“Os motoristas de ônibus não respeitam os jovens, se acham os donos da empresa, não param, fecham a porta na cara do aluno.” [sic] (C., 18 anos)

As percepções sobre a ajuda que recebem ou deveriam receber

As respostas em relação à ajuda que recebem não foram tão desenvolvidas quanto aquelas referentes aos problemas enfrentados. Em muitas ocasiões, em vez de discorrerem sobre a ajuda que recebem, os jovens falavam da ajuda que deveriam receber. A família foi citada pelos jovens como a primeira e a principal instância à qual recorrem.

“Com a família dando apoio, força para não desistir, dizendo para não deixar de estudar, não faço a mínima idéia com quem ele pode contar hoje além da família.” [sic] (N., 17 anos)

Para os jovens, a família – principalmente na sua ausência – é vista como apoio necessário para evitar as drogas e o tráfico, bem como suporte para contornar as dificuldades de emprego e a falta de oportunidades. A

família sustenta o presente, nas dificuldades que este possa conter, como também dá a força necessária para construir o porvir.

“Família conversando, orientando, procurando saber o que está havendo com ele, saber como ele se sente e o que ocorre.” [sic] (V., 16 anos)

“Pela minha família, encontro força para continuar lutando pra vencer, conseguir alguma coisa melhor no futuro.” [sic] (D., 18 anos)

A ajuda dos amigos também é citada como importante, assim como pode constituir um problema. Os jovens diferenciam os “*verdadeiros amigos*” dos “*colegas*”. Segundo os jovens, os colegas só estão presentes em momentos oportunos ou são aqueles que os “*levam para o mau caminho*”. Muitas vezes, aquele que se diz amigo acaba se tornando um problema para quem tem “*cabeça fraca*”, enquanto os amigos verdadeiros os ajudam com conselhos positivos, assim como os pais. Tal ajuda é bastante semelhante àquela proporcionada pela família, pois tem um caráter afetivo e ambivalente, como a capacidade de ajudar e atrapalhar ao mesmo tempo.

Para os jovens, a ajuda da religião pode ser vista tanto pelo caráter assistencial das igrejas quanto pela sua influência moral e de construção de valores.

“A ajuda que eles têm é a religião, que influencia bastante. A pessoa, quando passa a crer que existe um Deus que se preocupa, ela não vai para o mundo das drogas.” [sic] (P., 16 anos)

“Aqui é mais a igreja que ajuda. A noite tem Telecurso 2000,⁵ oficina para costureira. Tem a Pastoral, que ajuda as famílias mais necessitadas com cestas de alimentos.” [sic] (J., 15 anos)

Em Deus (ou na religião), os jovens depositam uma última esperança de solução para os problemas, quando já se esgotaram muitas das esperanças de ajuda.

“Eu não tô contando com a ajuda de ninguém, só de Deus mesmo.” [sic] (F., 17 anos)

Uma categoria que aparece em frequência inferior às já citadas, mas em primeiro lugar na ordem de evocação, é a que denominamos ‘*não conta com ninguém*’. Muitos jovens respondem que não contam com nin-

⁵ O Telecurso 2000 é um dispositivo pedagógico de formação escolar destinado àqueles que não conseguiram completar a educação fundamental e média (até os 18 anos de idade) no Brasil, para os que desejam se submeter aos exames supletivos para obtenção de tais diplomas. É realizado de maneira não presencial por intermédio de aulas televisionadas e divulgação de material impresso, que apresenta o conteúdo que deve ser assimilado.

guém para ajudá-los a solucionar seus problemas, sinalizando uma situação de desamparo e *desfiliação*, pois se sentem sistematicamente excluídos do usufruto dos bens sociais e culturais, sem maiores chances de alcançar uma situação melhor. A expressão “não contar com ninguém” sinaliza também uma representação de si como desassistido, distante e à margem da reciprocidade social que envolve a vida em comum.

As categorias que dizem respeito ao governo são todas citadas em segunda ordem. O governo em si aparece como uma ajuda bastante freqüente, enquanto a falta deste aparece em menor freqüência. A ajuda do governo aparece com freqüência alta quando associada ao seu caráter imediato e de assistência, mediante o fornecimento de cestas básicas, do cheque cidadão, ou da criação de projetos temporários. Os jovens reconhecem que se trata de um auxílio que é importante, mas pontual.

A falta do governo também é citada, mas em menor freqüência. Em suas falas, os jovens afirmam o valor de certas ações assistenciais; contudo, apontam que a essência dos problemas das comunidades em que vivem não é considerada, somente atenuada, por uma modalidade de ajuda governamental insuficiente para solucionar os problemas das comunidades pobres.

Em geral, houve alguma dificuldade em relacionar possíveis formas de ajuda que poderiam ser objeto da ação de governo. Muitos não fazem a conexão, por exemplo, entre a ‘ajuda do governo’ e uma escola de boa qualidade no seu bairro. Em geral, a ajuda do governo torna-se associada a programas e projetos pontuais (como o que se estabeleceu por ocasião desta pesquisa), que não se sustentam a longo prazo e deixam os jovens reiteradamente ao deus-dará.

Sobrevivendo no cenário adverso: os recursos para se lidar com as dificuldades

Os jovens entrevistados expõem com clareza uma vida de medo: medo de sair de casa, medo de falar algo que não devem, medo de estar na hora errada no lugar errado, medo de estar em casa quando policiais ou traficantes podem invadi-la, etc. Para os jovens que vivem em comunidades pobres no Rio de Janeiro, o medo parece ser o sentimento que permeia seu cotidiano, determinando ações e escolhas. Na figura a seguir, obtida a partir das respostas à pergunta “*como os jovens lidam com seus problemas?*”, verifica-se como o medo condiciona as outras possibilidades de ação que os jovens têm frente às suas dificuldades.

Tabela 1 – Relação hierárquica das classes referentes aos modos de resolução de problemas

Impossibilidade de enfrentamento: a cooptação do sujeito	Ocupação do tempo ocioso	Ação do sujeito	Medo
--	--------------------------	-----------------	------

A tabela 1 mostra como o medo condiciona todas as outras possibilidades de ação dos jovens que têm de enfrentar o cotidiano violento das comunidades pobres. Significa que, quando os jovens buscam saídas para dar conta de situações de adversidade, todas as opções estão pautadas pelo medo (da polícia e dos traficantes), que cria um ‘regime de vida’ nas comunidades pobres.

“O jovem acostuma, mas sai de casa com medo, sem saber se vai voltar.” [sic] (T, 16 anos)

“Tenho medo, porque a polícia, quando chega, já vem atirando.” [sic] (V., 16 anos)

“A gente aqui está isolado, não pode sair da comunidade, porque corre o risco de ir parar na facção rival e não voltar mais.” [sic] (B., 18 anos)

Hierarquicamente na mesma posição, há duas outras categorias de respostas: a impossibilidade do enfrentamento, que resulta na cooptação do sujeito, e a ocupação do tempo ocioso. A impossibilidade do enfrentamento diz respeito à incapacidade do sujeito de vencer as condições adversas em que se encontra, sendo, finalmente, empurrado para entrar na marginalidade. Essa possibilidade é freqüentemente reconhecida como uma incapacidade pessoal (*“ter mente fraca”, “já nascer misturado”*) ou resultante da falta de oportunidades (*“falta de emprego”, “não ter ajuda da família”*), como retratam as falas a seguir:

“Alguns não usam [drogas], mas outros são mente fraca e acaba usando. É por causa de amigo. Eles falam que é bom e acaba que usam.” [sic] (S., 16 anos)

“Muitos, quando não conseguem um emprego, acham que é melhor seguir por um caminho torto, se envolvendo com as drogas, entrando para o mundo do crime, achando que lá vão conseguir as coisas mais fácil.” [sic] (W., 20 anos)

“Uns conseguem lidar, e outros, não, porque é muito difícil.” [sic] (S., 18 anos)

A categoria ‘ocupação do tempo ocioso’ diz respeito à saída encontrada para se evitar o que pode levar a uma vida de marginalidade, sobretudo evitando a ociosidade, o “*estar à toa*”, que pode criar um espaço para ser ocupado pelas atividades ilícitas. Seria uma busca desesperada de alternativas frente ao cotidiano permeado por dificuldades, caracterizando respostas que estão sempre pontuadas pelo perigo iminente de ‘*cair na outra alternativa*’, que é a opção oferecida pela vida na marginalidade.

“Procuram estudar, fazer cursos para ocupar o tempo, porque com a cabeça livre procuram o que não deve.” [sic] (N., 16 anos)

“Muitos lutam, procuram cursos, querem estudar para ter futuro melhor. Outros preferem fumar, cheirar, entrar para o crime e se destruir.” [sic] (B., 14 anos)

“O jovem ocupando sua cabeça, seu tempo, com estudo, trabalho, projetos sociais comunitários, esporte, a fim de desgrudar da situação que entrou por aventura ou mesmo por falta de opção ou rejeição.” [sic] (P., 18 anos)

Finalmente, a categoria ‘ação do sujeito’, que se situa hierarquicamente na posição superior às duas exemplificadas anteriormente, significa que o jovem entende que a vida que tem é resultado das opções que faz. Nesse sentido, coloca-se como responsável pelo que provoca e pelo que obtém na vida, ainda que, em última análise, o esforço individual não seja suficiente para resgatar-lhe uma vida digna.

“Pode resolver as dificuldades estudando, trabalhando, pedindo ajuda.” [sic] (A., 14 anos)

“As dificuldades têm que enfrentar, pra depois não chorar.” [sic] (D., 15 anos)

“Enfrentar problemas sozinho talvez seja pior. Mas não se pode recorrer aos policiais, nem aos traficantes, nem pode recorrer a nada.” [sic] (T., 15 anos)

“Você só conta com você, sua família, resolvendo os problemas, pra ter um futuro melhor.” [sic] (C., 16 anos)

Situada hierarquicamente acima das duas outras categorias, segundo a análise textual do instrumento que utilizamos, a categoria “ação do sujeito” mostra que os jovens admitem, em princípio, que eles vêem possibili-

dades de escolhas e reconhecem que devem assumir conseqüências pelo seu agir. No entanto, frente à realidade em que vivem, os fatos lhes mostram que ou é impossível, de todo, superar os obstáculos ou a vida se torna uma batalha constante de “ir contra a maré”, ou seja, lutar cotidianamente e sem cessar na direção oposta a tudo o que empurra os jovens pobres para a ociosidade e para a delinqüência.

Assim, os recursos que os jovens percebem estão, de certa forma, condicionados ao ‘estado geral de temor’ tanto aos bandidos quanto à polícia. Ainda que se percebam como agentes e responsáveis pelas escolhas que fizeram, não existe uma situação psicologicamente confortável para que possam traçar seus destinos. Como retrata um jovem:

“*Não tem como escapar. Aqui a gente tem que dar o braço a torcer ou para um lado ou para outro.*” [sic] (V., 17 anos)

De um lado, a polícia, e aí o jovem não só tem que andar na linha, mas parecer que “*é do bem*”. De outro lado, os traficantes, que também exigem submissão, aqueles a quem os jovens também devem respeito e obediência. Nesse caminho estreito, os jovens tentam, apostando no esforço pessoal e na ajuda da família, evitar a opção pelo tráfico e construir alternativas de vida.

Considerações finais

A análise dos resultados aqui apresentados nos mostra um retrato impressionante. A presença do poder paralelo do tráfico nas comunidades pobres do Rio de Janeiro, já analisada em seus inúmeros efeitos (DOWDNEY, 2003; GUIMARÃES, 1998; ZALUAR, 1997), aparece no presente estudo como o *grande problema na vida dos jovens*. Significa que, do ponto de vista dos jovens, as situações de desmando, violência e terror permanentemente instaladas nas comunidades se tornam as primeiras e incontornáveis dificuldades nesse seu momento de vida. Causa impacto o dado apresentado aqui que evidencia que o *medo* assola a existência desses jovens e que, qualquer que seja a forma de se lidar com as incertezas geradas pelo estado de guerra em suas comunidades, o medo parece atravessar e *modelizar* todas as possibilidades de ação.

Hoje, quando se fala no significativo número de jovens homens que são, ao mesmo tempo, vítimas e também causadores da violência, e quando se aborda o aumento da população carcerária, principalmente relativa à faixa etária entre 18 e 25 anos, podemos nos perguntar: quais são as situações psicológicas e morais que antecedem tais situações? Certamente,

o indivíduo que não se reconhece como parte do grupo cultural, no sentido de que a ele não se *afilia* (= dele se torna ‘filho’), não se torna igualmente inclinado a preservar seus valores, sejam eles materiais ou simbólicos. Heranças somente as recebem os que são filhos e se sabem como tal para reclamá-las. Muitos jovens brasileiros não experimentaram até hoje a condição de ‘filhos’, seja por conta de suas situações familiares completamente adversas, seja porque nasceram num grupo socioeconômico desfavorecido e relegado ao esquecimento. Por isso, se colocam à margem, seja do que têm para receber, seja do que têm para dar. No grupo aqui estudado, muitos conseguem se dar conta do que poderiam ser suas vidas se tivessem a ajuda, que não têm, do governo. Indicam a falta de trabalho, a deterioração urbana do local onde moram, a falta de boas escolas e bons professores como questões que, uma vez supridas, poderiam fazer a diferença para melhor nas suas vidas. Nesse sentido, enquanto reclamantes, ainda vislumbram seu lugar de direito na herança cultural deste país. Não perderam os elos com a sociedade e não se encontram desgarrados. Os que, no entanto, se vêem sós, sem ter a quem recorrer, parecem indicar que suas vidas não estão suficientemente enlaçadas à sociedade e que os laços que os unem a esta parecem frágeis.

Num contexto de precariedade, em que faltam instituições mediadoras e adultos significativos, em que o ócio e a falta de perspectivas estão instituídos, pode-se entender a prevalência que o tráfico assume como força aliciadora junto àqueles que estão decidindo o que fazer de suas vidas. No entanto, ao lado do ‘desvio’ que o tráfico representa, está a tentativa dos jovens de ‘ocupar o tempo ocioso’, que surge como uma contra-força, um esforço individual e último para buscar caminhos que contemplem uma outra forma de inserção na sociedade.

Parece que, como afirmou Arendt (1995), pela ação podem *dar início* a algo que não está previsto, para fazer insurgir o diferente, ainda que, ao mesmo tempo, dependam e tenham que esperar dos outros alguma resposta ou reação. Segundo essa autora, *agir e padecer* são complementares, as *‘duas faces da mesma moeda’*, ou seja, se precisamos agir para mudar e geramos novos inícios quando agimos, também temos que esperar pelos resultados, *padecer* frente ao que os outros também fizeram e iniciaram (CASTRO, 2001).

É a família que surge no imaginário dos jovens como o elemento-chave de sustentação psicológica, pois é a ela que se recorre, principalmente, quando em dificuldades. Como disse certa vez Matta (1987, p. 135), *“entre nós, a família é tudo e vale por tudo”*. Para os jovens, é pensando na família como ideal a ser preservado que desejam melhorar sua condição de

vida, para ajudar aqueles a quem, na verdade, são devedores. Nesse sentido, ressalta aqui a idéia da dívida para com a geração dos mais velhos. De igual forma, enfatiza-se a possibilidade de se fazer alguma coisa em prol deles, quando os jovens melhorarem de vida ou quando obtiverem emprego e trabalho. Numa sociedade na qual parecem esmaecer os sentimentos de gratidão e dívida para com os mais velhos, em que cada um pensa cada vez mais no próprio bem-estar e no seu sucesso pessoal, chama a atenção a reiterada fala dos jovens que acenam com um cenário distinto, onde todos – eles e suas extensas famílias – possam estar, eventualmente, se beneficiando do pouco (ou muito) que cada um conseguir. É, portanto, pela família e na família que esses jovens constroem suas identidades sociais, mediante a demarcação dos valores transmitidos por elas, como o trabalho, o esforço pessoal e a dívida para com a geração anterior.

Referências

- ARENDDT, H. *A condição humana*. Rio de Janeiro: Forense, 1995. 341 p.
- CASTRO, L. R. Da invisibilidade à ação: crianças e jovens na construção da cultura. In: _____. (Org.). *Crianças e jovens na construção da cultura*. Rio de Janeiro: Nau/Faperj, 2001. p. 19-46.
- DOWDNEY, L. *Crianças no tráfico*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2003. 270 p.
- GUIMARÃES, M. E. *Escolas, galeras e narcotráfico*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1998. 243 p.
- MATTA, R. da. A família como valor: considerações não-familiares sobre a família brasileira. In: CARNEIRO, M. J. (Org.). *Pensando a família no Brasil*. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo/UFRJ, 1987. p. 115-136.
- PETERS, J. D. Distrust of representation: Habermas on the public sphere. *Media, Culture and Society*, [S.l.], v. 15, n. 4, p. 541-572, 1993.
- ZALUAR, A. Para não dizer que não falei de samba: os enigmas da violência no Brasil. In: SCHWARCZ, L (Org.). *História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea*. São Paulo: Cia. das Letras, 1997. v. 4, p. 245-318.